

ANÁLISE DO CAPÍTULO DA OBRA: O PAPALAGUI. UMA PERSPECTIVA INDÍGENA A RESPEITO DO DINHEIRO.

Angélica Somavilla¹

Ao analisar o livro, *O Papalagui*, do escritor alemão Erich Scheurmann, se faz necessário a correlação entre a vida indígena e a vida das pessoas europeias. É preciso, portanto, analisar as perspectivas interculturais demonstrada em cada capítulo do livro. Ao longo da análise estudar-se-á, principalmente, sobre o capítulo III: do metal redondo e do papel pesado, do qual retrata o poder e as consequências que o dinheiro exerce na mentalidade dos “homens brancos” e na sociedade.

O choque cultural, diferenças entre os costumes indígenas e os costumes dos europeus presenciados no livro, é de fato importantíssimo para uma autoanálise sobre costumes e crenças dos próprios seres humanos. A ideia de Scheurmann em trazer, de fato, os pensamentos e críticas de um índio, chamado Tuiávii, faz com que esses exames minuciosos tornam-se frutos de uma grande análise psicológica em torno da própria sociedade.

Ele não consegue reconhecer em que reside o alto valor da cultura europeia, se ela aliena o homem de si mesmo, o torna inautêntico, mais o desnatura, o piora. Ao enumerar nossas conquistas e começar, por assim dizer, pela epiderme, pela exterioridade, designando-as de modo absolutamente não europeu e desapiadado, sem nenhum respeito, Tuiávii nos revela o espetáculo, embora limitado, de nós mesmos; espetáculo ante o qual não sabemos se é do autor ou do seu objetivo que devemos rir. (ERICH SCHEURMANN, pág. 03)

Diante do apontamento feito por Scheurmann, é nítido que a obra, relatada conforme o índio descreve para o escritor, torna-se irônica e até mesmo engraçada, devido ao redizer/reexplicar do Tuiávii diante do dia a dia dos seres humanos: estresse, carreira profissional, a busca pelo dinheiro, a falta de tempo, doenças relacionados ao cansaço mental e até mesmo a

¹ Acadêmica do curso de Letras Português/Inglês e Respectivas Literaturas –UDC.E-mail: angelika_sti@hotmail.com

arquitetura das casas. Para o indígena, tudo isso, é muito complexo de se compreender, pois para ele, as atividades rotineiras e costumes dos seres humanos são questionáveis e são revisualizadas ao olhar de quem não está alienado nem corrompido a qualquer convicção desses indivíduos mencionados por ele.

Fale a um Europeu do Deus do amor: ele torce o rosto, sorri. Sorri da simplicidade com que pensas. Estenda-lhe, no entanto, um pedaço redondo, brilhante, de metal, ou um papel grande, pesado: sem tardar, seus olhos brilham, muita saliva lhe vem aos lábios. (ERICH SCHEURMANN, pág. 11)

O Tuiávii descreve nitidamente como o ser humano se tornou refém do dinheiro, metal redondo e o papel pesado, assim citado por ele. Para o índio as belezas que a natureza lhe oferece são, sem dúvida, causas divinas e de grande esplendor. Entretanto, ao ser humano civilizado, observado por ele, as atitudes virtuosas que deveriam ser cultivadas pela fé em algum Deus são totalmente corrompidas pelo fato do dinheiro ser colocado sempre à frente de qualquer atitude bondosa que parti do ser humano.

Ele nos enganou, nos mentiu, os Brancos, corromperam os missionários para que eles nos enganassem com as palavras do Grande Espírito. Pois o metal redondo e o papel pesado, que eles chamam dinheiro, é que são a verdadeira divindade dos Brancos. (ERICH SCHEURMANN, pág. 11)

Relatando com simplicidade, o índio aponta também a dependência que o homem branco possui pelo dinheiro. Contextualizando com a vida indígena, sabe-se que, toda a sua alimentação provém da natureza e que não há uma preocupação constante com o amanhã. Sabe-se que existem os rios que lhe proverá água; a selva que lhe proverá a caça; a terra que lhe proverá os alimentos e as plantas medicinais para suas doenças. Desta forma, o meio ambiente e o indígena entram em equilíbrio, tornando o que lhe tem disponível o necessário para viver.

Entretanto, os apontamentos feitos pelo Tuiávii retrata exatamente o contrário do que suas virtudes acham corretas. O “homem branco” está intrinsecamente ligado ao dinheiro. Como consequência disso, para as necessidades fundamentais à vida, muitos dos seres humanos carecem do

metal redondo e do papel pesado para simplesmente saciar a sede, a fome e o frio.

É necessário dizer que não é possível, na terra dos Brancos, ficar sem dinheiro, em momento algum, desde que o sol se levanta até que se deita. Se estas inteiramente sem dinheiro, não acalmas a fome nem a sede, não encontras esteira para dormir. (ERICH SCHEURMANN, pág. 11)

Destarte, verdadeiramente expondo o seu ponto de vista, o índio, no decorrer do capítulo dá ênfase em apenas uma coisa cujo, todo o tempo em que passou na cidade, observou que o homem não pagava e compartilhava com muitos outros: o ar que respirava.

Essa busca constante do indivíduo em conseguir dinheiro acarreta em “como” conseguir o metal redondo e o papel pesado. Logo, novas reflexões sobre as atitudes dos humanos são outra vez questionados. Ao mesmo tempo em que o homem precisa do dinheiro para tudo, segundo o indígena, também é fácil de conseguir, entretanto, se faz necessário um trabalho, emprego.

Sabe-se que os seres humanos, na maioria dos casos, entram para o mundo do trabalho ainda quando criança, não aproveitando, em alguns casos, as fases da vida. No mundo dos índios, os jovens precisam encontrar habilidades que farão deles o equivalente aos “profissionais” do mundo civilizado. Mas possui a sua diferença. Os índios aproveitam, segundo Tuiávii, com alegria todas as fases de sua vida, conciliando suas habilidades com as verdadeiras necessidades.

Diante do exposto, compreende-se que o ser humano, ao contrário do índio, faz da vida do trabalho algo rotineiro, cansativo e duvidoso, pois, muitos não fazem por aptidão ou por possuírem habilidade e sim por consequência de ganhos. Segundo o Tauávii: “Se trabalhares, terás dinheiro”, é o que diz uma regra moral dos europeus. Logo, não importa o quanto esse trabalho é gratificante ou não para o próprio indivíduo, mas sim o quão acessível é para conseguir o dinheiro.

De onde vem o dinheiro? Como é que se pode ganhar muito dinheiro? Oh! De muitas formas, com facilidade ou com dificuldade. Se cortas o cabelo do teu irmão, se tiras a sujeira da frente da cabana dele, se levas uma canoa na água, se tens uma boa ideia. Diga-

se, por amor à justiça, que se tudo exige muito papel pesado e metal redondo, é, no entanto, fácil ganhá-los em troca de qualquer coisa. Basta fazeres o que chama na Europa "trabalhar". (ERICH SCHEURMANN, pág. 12)

É interessante como, no desenrolar do capítulo, o índio expõe consequências relacionadas e ordenadas ao indivíduo e sua busca incessante pelo dinheiro. Diante disso, é posto outro ponto reflexivo: as diferentes classes sociais. Estas são tratadas de maneira engraçadas e até mesmo irônicas pelo índio.

No decorrer do capítulo o Tuiávii relaciona as classes sociais com a quantidade de esforço físico/trabalho que os "homens brancos" precisam exercer, comparando os que trabalham muito às classes menos favorecidas e os que trabalham pouco ou "quase nada", assim citados por ele, às classes altas, os ricos.

Assim é que existe, na Europa, metade que tem de trabalhar muito e se sujando enquanto a outra metade pouco ou coisa alguma faz. Aquela metade não tem tempo para deitar-se ao sol; a outra tem demais. Diz o Papalagui: "Todos os homens não podem ter a mesma quantidade de dinheiro, nem todos podem deitar-se ao sol ao mesmo tempo!" Com esta doutrina ele assume o direito de ser cruel, por amor ao dinheiro. Tem o coração duro, o sangue frio. (ERICH SCHEURMANN, pág. 13)

Expõe também a exploração dos próprios humanos. A busca pelo metal redondo e o papel pesado faz com que os homens ricos ambicionam e o guardam com tal zelo que, o dinheiro é tanto que "homem rico" não precisa trabalhar para conseguir mais, o próprio dinheiro se encarrega dessa tarefa.

Há muitos Brancos que amontoam o dinheiro que outros fizeram para eles; levam-no para um lugar muito bem guardado e vão trazendo cada vez mais até que, certo dia, já não precisam fazer os outros trabalharem para eles. (ERICH SCHEURMANN, pág. 13)

Essa distinção de poderes que o dinheiro exerce, na maioria das sociedades do mundo, faz com que, o índio, na simplicidade de sua fala,

projeta essas consequências como algo negativo e que não deseja à sua aldeia.

Livremo-nos, porém, antes de mais nada, do dinheiro. O Papalagui oferece-nos o metal redondo e o papel pesado para nos dar o seu gosto. Eles querem nos convencer de que o dinheiro nos fará mais ricos e felizes. Já são muitos dentre nós os que se deixaram deslumbrar e se contagiaram com essa grave doença. Mas se acreditardes no que vos diz o vosso humilde irmão; se perceberdes que vos falo a verdade quando vos digo que o dinheiro jamais dá alegria e felicidade, mas, pelo contrário, confunde e angustia completamente o coração, a alma toda do homem; quando vos digo que com dinheiro, jamais se ajudou realmente homem algum a ser mais alegre, mais forte, mais feliz; então haveis de detestar o metal redondo e o papel pesado como o vosso pior inimigo. (ERICH SCHEURMANN, pág. 15)

Destarte, ao analisar as proporções em que o capítulo levou, de fato, ao olhar do índio Tuiávii, faz questionar-se sobre o desfecho do englobamento de um único objeto dentro da sociedade: o dinheiro. Posto como algo desnecessário para a vida indígena, este é relatado com tanta simplicidade, que se mostra como algo negativo e supérfluo para se viver, na visão do índio, causando no leitor uma autoanálise sobre os valores que a humanidade agrega aos vários objetos que a cerca.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SCHEURMANN, Erich. *O Papalagui*.

